



Opacos e Invisíveis

Opaque and Invisible

Filipe Manuel Oliveira da Silva Pinto

*Artista, Mestre em Filosofia pela Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.
menewsletter@gmail.com*

Resumo

O que é verdadeiramente invisível? O que é invisível e não apenas quase completamente transparente? O que é opaco e palpável e que pode estar à nossa frente mas que não se vê? Isto é, o que é verdadeiramente invisível?

Este breve ensaio pretende mostrar que o que é verdadeiramente invisível está mais próximo da opacidade do que da transparência.

Palavras-Chave: espelho, camuflagem, opacidade, transparência, presente.

Abstract

What is really invisible? Using 'really' I want to ask what is invisible and not, almost completely transparent or too small to be seen. What is opaque and palpable that could be in front of us but can't be seen? I mean, what is really invisible?

This short essay wants to show that the invisible is closer to opacity than to transparency.

Keywords: mirror, camouflage, opacity, transparency, present.

1.

Um homem chega a Nova Iorque; dirige-se ao hotel Wayland Manor, na Wayland Square. Ao balcão diz o seu nome com o qual terá reservado um quarto. Entregam-lhe a chave e uma carta que já o aguardava no respectivo cacifo. De frente para o elevador de portas abertas, onde o ascensorista esperava por novos clientes, o homem abre o envelope e lê o lacônico texto que alguém lhe tinha destinado. “Estou em Nova Iorque. Por favor não me procures, não seria bom encontrares-me.” (Handke, 1972, 9) Era Judith. Desanimado e desiludido, o homem entra finalmente no elevador e sobe até ao quarto. “Fui para o quarto de banho com o sobretudo vestido e fiquei a olhar mais para o espelho que para mim próprio.” (Handke, 1972, 11) Assim se inicia o romance *Breve carta para um longo adeus*, de Peter Handke, com este retrato de decepção que acaba em pasmo frente a um espelho.

A desolação não o faz ver o espelho – o espelho dá tudo a ver, mas na verdade não tem nada para ser visto; quando muito, a desolação fá-lo ver com maior nitidez o vazio do espaço à sua volta, a sua solidão, tal como a criança vê pela primeira vez à frente do espelho a completude do seu corpo, os seus limites, a

sua autonomia, ou seja, o seu perpétuo afastamento do corpo materno – ela é só ela, vê-o agora, independente, autárquica, sozinha. A brancura e luminosidade das casas-de-banho – para melhor execução das abluções diárias – reforçam ainda mais a habitual solidão dos quartos de hotel. Desolador é isso mesmo – algo já acabado, ou vazio, ou deserto, silencioso, solitário, vasto.

É então a desolação que faz aquele homem olhar tão intensamente para o que afinal é invisível – um espelho. O espelho é invisível; esta assunção é fácil de comprovar – é impossível fotografar um espelho.

De frente para o espelho não há sinais do espelho – tudo o que se vê sou eu a interromper o fundo. Olho de frente para o espelho e, na verdade, não o consigo descortinar entre mim e eu, no meio – um espelho está sempre no meio –, entre os meus olhos e o seu reflexo – o ricochete do reflexo, a imagem-*boomerang*, a imagem-sombra (o reflexo é a sombra vertical de um corpo). Só o vampiro pode olhar de frente um espelho sem interromper o fundo; mas nem esta pálida criatura vê o espelho; para o vampiro, o espelho é só retrovisão.

Do espelho percebem-se apenas os seus limites, ou seja, onde acaba, percebe-se apenas quando já não é – como se fosse algo que não possui forma, apenas molde; o que se vê é apenas uma peculiar interrupção na parede – uma janela, mas uma janela opaca que, no entanto, dá a ver, como todas as outras, enfim, mas no sentido oposto.

À frente do espelho, no *boudoir*, onde, por exemplo, tantas personagens de Clarice Lispector se pensam e se penteiam, o pensamento serpenteia (é isso também o que acontece ao homem de Handke): “[e]stava a se pentear vagorosamente diante da penteadeira de três espelhos (...) os olhos não se despregavam da imagem, o pente trabalhava meditativo (...)” (Lispector, 1960, 9), “[d]epois de pintada ficou olhando no espelho a figura que por sua vez a olhava espantada” (Lispector, 1977, 67), “[t]omou tudo se lambendo diante do espelho para nada perder de si mesma” (Lispector, 1977, 46). Como se percebe, em qualquer destes casos, o que se vê no espelho não é o espelho –

nunca se vê o espelho –, um espelho só é descoberto pela sua ação, pela sua consequência, por aquilo que não consegue parar de fazer, que é refletir.

Um espelho nunca se gasta, não *recorda* – não grava nem memoriza –, não retém nada, nem mesmo traços do seu uso. (Qual a diferença entre um espelho que nunca refletiu nada, um espelho tapado desde a sua produção, e outro que tenha refletido durante toda a vida de alguém? Qual é a diferença entre um espelho novo e um usado?) Um espelho não se desliga nem se apaga – está sempre aberto, escancarado, como um vaso, como uma colher.

Assim, quanto ao uso, no extremo oposto ao espelho encontramos o batom, a vela, o sabão, o rebuçado, objetos que não permitem o uso, apenas o abuso – não passam incólumes por cada utilização, como acontece com o espelho; resultam sempre diminuídos, cariados até à sua dissolução total.

Melhor do que a corrente heracliteana do rio, o espelho é o símbolo – a imagem, ícone – do tempo, do presente, pois capta e larga *quase* instantaneamente tudo o que capta; a sua superfície é totalmente derrapante, totalmente desprovida de memória – cada imagem escorrega para a seguinte sem se deter por nenhum momento. Tudo o que aparece no ecrã do espelho é presente – não há diferimentos, contemporizações, anacronismos.

Mas há uma precisão a fazer, pois tudo o que vemos (e sentimos) vemo-lo (e sentimo-lo) com um minúsculo desfasamento, tão minúsculo que é totalmente negligenciado – a visão não é simultânea com o que ela vê. Em 1729, o cientista James Bradley mediu a velocidade da luz – trezentos mil quilómetros por segundo. A descoberta da velocidade da luz significou que a luz tinha velocidade, isto é, que a velocidade da luz era finita, que a luz não era, afinal, instantânea – era rápida mas demorava tempo. Aquilo que acontece ali ao fundo chega até aos meus olhos com um atraso. Ou seja, no que nós vemos, tudo é passado. A luz do Sol demora oito minutos a chegar à Terra; a imagem da Lua, um segundo; a um metro do espelho vemo-nos como éramos há seis nanossegundos; a um metro do espelho, vemo-nos mais novos seis nanossegundos, isto é, a imagem de nós próprios que o espelho nos devolve é

a imagem que tínhamos há seis nanossegundos. Esta constatação permitiu a Flann O'Brien imaginar um dispositivo similar a uma máquina do tempo.

Se um homem se ergue em frente a um espelho e vê nele o seu reflexo, o que vê não é uma verdadeira reprodução de si mesmo, mas uma imagem de si quando era mais jovem. (...) [E]xiste um intervalo de tempo apreciável e calculável entre o momento em que o homem lança o reflexo do seu próprio rosto no espelho e o registo da imagem reflectida pelos seus olhos. (...) Selby (...) insistiu em reflectir o primeiro reflexo em mais um espelho, professando ter descoberto minúsculas diferenças na segunda imagem. Acabaria, assim, por criar a familiar disposição de espelhos paralelos, cada um deles reflectindo imagens cada vez mais pequenas e infinitas de um objecto interposto. O objecto interposto era, neste caso, o rosto de de Selby, o qual alegou ter estudado as imagens, recuando ao longo da infinidade de reflexos graças a 'um poderoso vidro'. O que ele afirma ter visto através deste vidro é espantoso. Alega ter reparado numa crescente juventude nos reflexos do seu rosto à medida que ia recuando, sendo o mais distante deles – demasiado pequeno para ser visível a olho nu – o rosto de um rapaz de doze anos, sem barba (...). (O'Brien, 1960, 74s)

Se ao espelho nos vemos como éramos há seis nanossegundos, a cada espelho paralelo, um à frente do outro, esta duração é sucessivamente duplicada, até se entrar na ordem dos segundos, minutos, horas, dias, etc, até se começar a perceber as diferenças, os traços a ficarem mais jovens, rugas a desaparecer, a pele a esticar. Assim, o espelho, invisível, serviria para uma espécie de recuo no tempo – o espelho seria, na verdade, uma janela para o que já fomos e não para a nossa imagem presente, à qual, como se viu, nunca temos verdadeiramente acesso; trata-se de uma espécie de interrupção do presente por ação do passado [*miroir, memoir, mirror*].

2.

O espaço do invisível é o espaço daquilo que se pode ver, ou seja, é o campo de visão, o espaço que vai dos olhos à última coisa que se vê. O invisível é o que está dentro do campo de visão mas que não se dá a ver, é o que está tão próximo como próximo está tudo o que é visível, isto é, o invisível só pode ser aquilo que pode ser visto mas que não o é. O invisível não é etéreo como o ar

ou fugidio como a água; o invisível é duro e denso como um corpo – é um obstáculo. Há o corpo e há o mundo – e tudo o que não é corpo é mundo – e, entre estes, os objetos, os obstáculos, aquilo que estorva; e o invisível, sendo um objeto ou obstáculo que estorva, ainda assim, não se vê.

O invisível perderia pertinência e relevância se denominasse genericamente tudo o que não se vê – o infinitamente pequeno, o infinitamente grande, o infinitamente próximo (a Terra, por exemplo), ou o infinitamente distante (tão distante que a sua luz não terá ainda chegado até nós), ou mesmo aquilo que é quase totalmente transparente, ou seja, quase invisível – mas o invisível não aceita graus, tal como a morte ou o silêncio; o invisível é absoluto – ou não se vê nada ou se se vê, uma réstia que seja, deixa de ser invisível.

O invisível (um espelho) diferencia-se do transparente (um vidro) porque, precisamente, não se deixa atravessar pela luz – cria uma barreira intransponível, um corpo altivo mas sem imagem própria; no vidro, por exemplo, os reflexos que por vezes o tornam quase opaco são encarados como empecilhos à franca transparência; só se obtém um reflexo total e claro se ele provier de algo opaco.

Tábua dos níveis de transparência e opacidade:

visível + opaco = matéria opaca (corpos)

visível + não opaco = translúcido

não visível + não opaco = transparente

não visível + opaco = invisível

Os objetos, as coisas, são visíveis porque absorvem e refletem a luz; ora, o espelho é invisível porque a quantidade de luz que absorve é risível, negligenciável; é opaco mas quase não absorve luz e reflete quase toda a que se lhe dirige; portanto, sente-se-lhe a presença mas não se vê. Dissimula-se atrás de uma outra imagem que não a sua, porque na verdade não a possui. Invisível quer afinal dizer isso mesmo – em vez de ser algo que apenas não se vê, é algo que não possui imagem própria.

3.

Interessa descortinar o que é real e palpável, opaco e alcançável, ou seja, aquilo que deveria ser visível, mas que, surpreendentemente, não é. O que é que está à nossa frente, destapado e iluminado e opaco, mas que, desprovido de imagem própria, escapa ao nosso escrutínio? Opaco e palpável quer dizer que interage com a luz, que é o que determina o que é visível – as entidades microscópicas, por exemplo, são praticamente ignoradas pela luz, como se esta não lhes prestasse a atenção devida. Esta é a razão pela qual nos detemos apenas no que é opaco e palpável, isto é, no que teria todas as condições para ser visível.

Para além do espelho parece existir apenas mais um invisível, tão invisível como opaco. Não se trata de um objeto nem de um corpo, mas de um dispositivo (aliás, quase se poderia dizer o mesmo do espelho), tanto de defesa como de ataque, de furtividade – a camuflagem.

A camuflagem é o que reúne, de uma forma perfeita e sem resto, corpo e imagem. A camuflagem tenta a invisibilidade com uma dupla opacidade – sobrepõe uma imagem a um corpo, duplica a sua pele; a camuflagem repete a pele – a *camuflagem repele (pele x2)*. O que a camuflagem faz é interromper a interrupção do fundo causada pela figura. Aquele que se camufla esconde-se à frente do sítio certo. Aquele que se camufla alcança a invisibilidade simulando a transparência. Se a imagem é necessariamente ilusória, a camuflagem é o seu paradigma problemático por se tratar de uma dupla ilusão, de uma dupla imagem – uma imagem que se sobrepõe à pele, à imagem original. A camuflagem é uma espécie de ponte – liga imediatamente o observador ao fundo sem passar pela figura.

Se o espelho aumenta o espaço, a camuflagem diminui-o. A camuflagem abole o espaço – a distância, o intervalo – entre a figura e o fundo, fazendo-os coincidir; por assim dizer, a camuflagem planifica o espaço na sua tentativa de o desfigurar, isto é, na tentativa de fazer desaparecer a figura, de a fazer diluir-se no fundo – a

camuflagem é uma amálgama, como o chumbo nuns dentes esburacados. Se o espaço é sempre um intervalo, a camuflagem é o seu contrário.

4.

Espelho e camuflagem alcançam a invisibilidade por meio de estratégias similares mas diametralmente opostas – o primeiro repete o que o afronta, a segunda replica o que está atrás de si; o primeiro interrompe o fundo em que está integrado, a segunda ensaia um símile de transparência – de um lado interrupção, do outro, continuidade. Nos dois casos é criada uma imagem que se lhes sobrepõe como se fosse uma segunda pele; é esta segunda pele que permite finalmente a invisibilidade.

Tanto no espelho como na camuflagem, a imagem é algo que flutua, descolada, sobre a superfície do corpo-objeto (do animal, do espelho); é esta flutuação que denuncia a sua não pertença, a sua condição exógena. Reflexo quer dizer que a imagem vem de fora, não é intrínseca, é superficial, é uma espécie de impressão temporária empática, é um resultado, uma consequência, aparece sempre depois da coisa original, tal como as sombras. Neste sentido poder-se-á entender a camuflagem como uma espécie de reflexo. Ou seja, tanto o espelho como a camuflagem refletem.

O camuflado funciona como um manto de invisibilidade – como aquele que é referido em algumas histórias de ficção científica –, um manto que esconde o corpo original, um manto opaco, que tapa.

O espelho camufla-se atrás da imagem que reflete o que está à sua frente; a camuflagem espelha o que lhe está atrás. Não deixa de ser pertinente notar que espelho e camuflagem – objeto e dispositivo – dão origem a verbos. Espelhar e camuflar poderão ser entendidos como os verbos próprios do invisível.

Assim conclui-se que a invisibilidade, ao contrário do que seria de esperar, não depende de uma qualquer estratégia de transparência, mas, pelo contrário, de

um reforço da opacidade original dos corpos. Neste sentido a invisibilidade é o exato contrário da verdade, da *alétheia*, entendida esta como um desvelamento – desvendar, descobrir, destapar, descortinar –, ou seja, retirar algo que escondia algo por baixo. Se a verdade é comumente relacionada com uma experiência de transparência, a invisibilidade, na sua dupla opacidade constitutiva, é o seu contrário extremo.

A invisibilidade depende da adoção de uma imagem diferente da imagem própria. Aliás, como já vimos, o espelho não possui sequer imagem própria, e é, por isso mesmo, congenitamente invisível; já a camuflagem é a estratégia que utiliza – canibaliza – uma imagem alheia. E é por isto que se pode concluir que o invisível não se refere ao que não se vê mas ao que não possui imagem própria. Tudo o que não possui imagem própria é invisível; é esta afinal a definição de invisível.

Escrever sobre o invisível é um pouco como falar sobre o silêncio – palavra escrita sobre o que não se vê, fazer-se ouvir sobre o que não tem som.

REFERÊNCIAS

HANDKE, Peter. Uma breve carta para um longo adeus. Lisboa: Difel, (1972) 1986.

LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Lisboa: Relógio D'Água, (1977) 2002.

_____. «Devaneio e embriaguez duma rapariga», in Laços de família. Lisboa: Livros Cotovia, (1960) 2006.

O'BRIEN, Flann. O terceiro polícia. Lisboa: Cavalo de Ferro, (1960) 2015.